

Associação Nacional de História – ANPUH  
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

**Equilíbrio Distante. A revolução russa como referência para múltiplas identidades no movimento operário gaúcho.**

Frederico Duarte Bartz.<sup>1</sup>

**Resumo:**

A revolução russa de 1917 foi um acontecimento muito importante para os grupos de operários organizados. Neste texto, eu pretendo mostrar a maneira como três militantes, Abílio de Nequete, Carlos Cavaco e Zenon de Almeida, pensaram este acontecimento, sublinhando a importância que as trajetórias individuais e diferentes identidades tiveram para suas interpretações.

**Palavras-Chave:** revolução russa, identidade operária, movimento operário do Rio Grande do Sul.

**Résumé:**

La révolution russe de 1917 a été un événement très important pour les groupes de travailleurs organisés. Dans ce texte, je pretends montrer la manière comme trois militants, Abílio de Nequete, Carlos Cavaco et Zenon de Almeida, penseraient cet événement, en soulignant la importance que les trajectoires individuelles et différentes identités auraient pour ses interprétations.

**Paroles-Clés:** revolution russe, identité ouvrière, mouvement ouvrier du Rio Grande do Sul.

**Introdução.**

Quando se marcam as fases por que passou o movimento operário brasileiro ou gaúcho se estabelece que houve um momento em que os anarquistas dominavam ideologicamente as organizações dos trabalhadores. O declínio deste predomínio, durante os anos 20, deu lugar a uma maior participação de outras correntes entre as quais se destacava os comunistas.

O surgimento das primeiras associações comunistas deveu-se aos impactos das notícias sobre a revolução russa que chegavam da Europa, despertando uma grande euforia entre os militantes. Tradicionalmente a historiografia operária tem focado o interesse despertado pelos anarquistas na revolução, como um exemplo de libertação da exploração capitalista. Pretendo aqui, entretanto, observar como a revolução russa pode ter mobilizado diferentes identidades conforme as diferentes trajetórias dos militantes, não estando posto como automática a questão da identificação dos libertários a este modelo de derrota do capitalismo.

---

<sup>1</sup> Licenciado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pós-Graduando em História dessa mesma universidade. Bolsista CNPQ

Para me aproximar deste problema, resolvi mapear três trajetórias individuais diferentes: Abílio de Nequete, um sírio-libanês espírita; Carlos Cavaco, um socialista moderado e Zenon de Almeida, um anarquista com uma vasta atividade cultural. Através da observação das trajetórias destas três figuras espero não obter respostas definitivas, mas estimular algumas reflexões sobre a identificação dos militantes a projetos políticos e sobre a adesão aos princípios da revolução como um processo complexo e variado.

### **Abílio de Nequete: simpatias étnicas e religiosas.**

Abílio de Nequete nasceu no Líbano, com o nome de Obdo Nacto, em uma família grega ortodoxa, vindo para o Brasil ainda adolescente em 1903. Estabeleceu-se em Rio Grande, depois em São Feliciano<sup>2</sup>, onde se converteu ao espiritismo, para depois mudar-se para Porto Alegre onde trabalharia como barbeiro. Foi nesta cidade que começou a participar do movimento operário. Na verdade sua entrada no movimento operário deu-se por ocasião da grande greve de 1917, em que Abílio participou da recém formada Liga de Defesa Popular (LDP), organização formada em agosto daquele ano por anarquistas para coordenar as mobilizações (ROSITO, 1972:4).

Nequete não era anarquista, mesmo assim teve um papel destacado na Liga, sendo o redator do jornal que este grupo editou *A Época*. Neste contexto de mobilização que Abílio passa a simpatizar com a revolução russa, mas sua maneira de encará-la e as esperanças que depositava nela diferiam de outros operários. Enquanto alguns anarquistas viam nela a realização de um sonho libertário, ele simpatizou com a causa russa por motivos diferentes. Durante a grande guerra mundial Abílio sentira duramente as derrotas que a Rússia vinha sofrendo dos impérios centrais. Como sua religião original era ortodoxa, ele nutria simpatia pelos povos eslavos; sem contar que a Rússia tinha influência nas regiões de fé cristã do Oriente Médio e a luta que se desenrolava contrapunha o Império Otomano, que controlava o Líbano, ao Império Russo, que tinha interesse em estabelecer sua predominância naquelas regiões.

Quando os bolchevistas vencem a revolução Abílio se enche de ânimo, para ele a vitória de Lênin e a implantação do programa socialista permitiriam o surgimento de uma nova espiritualidade, do surgimento de um *“espiritismo sem religiosidade nem charlatanismo[...]*Estava achado o campo de ação em que o espiritismo, degenerado em

---

<sup>2</sup> Atual Dom Feliciano.

*preces e consagrante a propriedade individual, não me facultava...*” (ROSITO,1972:5). Dessa forma se uniam as simpatias étnicas do operário com as esperanças religiosas, a Rússia que era a grande nação para onde os ortodoxos olhavam para pedir socorro contra a tirania muçulmana, se transformara em uma pátria nova para onde os operários do mundo poderiam olhar para a realização de um ideal espiritual e social mais alto.

No mês de dezembro de 1917 Nequete chega a escrever um panfleto em nome de um *Grupo de Operários e Soldados*, para ser distribuído entre os militares, dizendo que os alugueis que incidiam sobre os operários deveriam não ser pagos e que cinco por cento da renda destes alugueis, deveriam se transformar em contribuição para a cruz vermelha brasileira na guerra (Ao Povo Rio-grandense, 1917). No inquérito militar que se seguiu alguns depoentes, na realidade os clientes de Abílio, disseram que ele se envolvia com as greves operárias e que recebia alemães em sua casa, transformando-se de um aliadofilo que era outrora em um germanofilo, apoiando os Impérios Centrais, embora algumas opiniões o mostrem como amigo da Sérvia e admirador da Rússia revolucionária<sup>3</sup>.

È possível que Nequete tenha “comprado” a idéia da traição russa e de sua mudança de lado na guerra, ou seja, que a paz com a Alemanha poderia significar que a Rússia a estava apoiando, embora o fato de ser reputado “amigo da Sérvia” pudesse ser também indício de confusão em relação à suas simpatias. O que se depreende disto tudo é que a primeira aproximação tem motivações mais étnicas que políticas.

Em 1918 ele escreverá no jornal dos anarquistas da União Operária Internacional, *A Luta*. Entre estes encontrará dificuldades de relacionamento, pois se suas simpatias étnicas vão se diluindo e Nequete vai pensar a revolução russa como universal, como mostra em seus artigos, seus princípios religiosos não serão abalados o que faz com que os libertários não o vejam com bons olhos e critiquem seu “*espiritualismo orientalizante*” (ROSITO,1972:5).

Provavelmente sua falta de compatibilidade com os anarquistas vai fazer com que funde uma associação separada destes, que batiza de União Maximalista, que seria a tradução de bolchevista. Ao longo de sua militância nesta União, marcado por encontros e desencontros com os libertários, a maior parte destes ateus, suas idéias continuarão marcadas pela religião. Mesmo assim, isso não lhe privará de uma atuação importante e suas idéias coincidem com os anarquistas na necessidade da libertação dos operários. De qualquer forma, se percebe que a referência à revolução é muito diversa da maior parte dos anarquistas, as referências e as simpatias despertadas são outras, apesar de sua militância fazer frente comum com os outros sindicalistas e seu norte principal se ligar com a emancipação da classe.

---

<sup>3</sup> Trata-se do Inquérito Militar 1432, que está no Arquivo Público do Rio Grande do Sul.

Nequete teve fundamental atuação nas greves de 1919 (PETERSEN,2001:368), mas atritou-se com alguns anarquistas a partir de 1920; depois disso vai fazer contatos com os comunistas uruguaios e articula-se para fundar o Partido Comunista Brasileiro, sendo seu primeiro presidente. Entretanto, seu relacionamento difícil com outros militantes o fizeram abandonar o comunismo, partindo sua militância para outros caminhos, como a criação de uma teoria social própria, onde pudesse fazer coexistir as raízes de sua complexa visão de mundo.

### **Carlos Cavaco: a outra revolução russa.**

Carlos Cavaco era uma das mais importantes figuras entre os socialistas de Porto Alegre. Literato, advogado e grande orador, ele ajudou a fundar a Federação Operária do Rio Grande do Sul em 1906, juntamente com Francisco Xavier da Costa. Também aparece como presidente de um Partido Socialista em 1914, que editava um jornal chamado *A Vanguarda*, mas quase nada se sabe tanto sobre o partido quanto do jornal (PETERSEN,2001:318).

Este militante socialista tinha referenciais bastante ecléticos, como era comum aos socialistas no período da II Internacional. Entre estes referenciais encontravam-se escritores como o russo Máximo Gorky e o português Guerra Junqueiro, na verdade, conforme Benito Schimidt (SCHIMIDT,2004:296), uma das motivações para a aproximação de Cavaco ao socialismo seria esta mescla de literatura e política que acontecia muitas vezes neste período.

Carlos afastou-se da militância entre os operários durante a década de dez, por causa em parte dos problemas envolvendo acusações de estupro a eles dirigidas que o levaram à prisão em 1913 e 1914. De qualquer forma sua figura volta a aparecer em 1917 nas manifestações pela declaração de guerra à Alemanha. Não é de se estranhar esta postura da parte de um socialista, pois muitos partidos socialistas importantes, como o francês e o alemão, haviam apoiado os seus respectivos governos no esforço de guerra. A composição étnica de Porto Alegre, onde havia muitos alemães, tornou o conflito entre aliadófilos e germanófilos bastante grave. A postura nacionalista de Carlos Cavaco era outra marca importante do seu pensamento, o ataque aos navios brasileiros por submarinos alemães naquela ocasião despertou nele o sentimento anti-germânico também (SCHIMIDT,2004:365-371).

Isto influenciaria sua forma de encarar a revolução russa. Fazendo um contraponto à posição anarquista, Carlos Cavaco, que fora figura proeminente entre os

socialistas, tece comentários sobre a Rússia na sua revista *O Echo Americano*. Para Cavaco o levantamento de outubro dera início a uma barbárie sanguinolenta e a atitude de Moscou em Brest Litovsk havia sido uma traição às tradições ocidentais. Em um artigo escrito por ele, Kerensky é comparado a um herói e Lênin a um bandido usurpador. Cavaco chega a traduzir um texto escrito pelo próprio Alexandre Kerensky, no qual o antigo chefe de estado russo fala de sua atuação no período democrático-burguês do processo revolucionário. A grande revolução era a de fevereiro, pelos compromissos que ele tinha com o nacionalismo, e possivelmente, pelo caráter radical e antinacional dos apoiadores da revolução de outubro em Porto Alegre naquele momento.

*A revolução tem desses caprichos: fazem heróis e geram bandidos-Kerensky e Lenine. Não há revolução sem sangue, não há sangue sem crime, para toldar o sol de Kerensky era preciso a sombra de Lenine. Para Kerensky libertador, a idéia estava no cérebro e o amor no coração, para Lenine o ideal estava na bolça [sic] e a idéia no estômago (O Echo Americano,1918:3).*

Aqui pode se ver que cavaco não repudia a revolução russa, mas escolhe pela suas concepções políticas uma das duas revoluções que ocorreram na Rússia, a de fevereiro. Escolhendo a revolução democrática, Cavaco escolhia um regime e um herói diferente dos anarquistas que escreviam n’*A Luta*, por exemplo. O direito, a justiça, a integridade da nação e uma série de outros valores que remontam à revolução francesa, e que Carlos valorizava em suas concepções políticas, já haviam sido ultrajados pelo Imperador Guilherme, inimigo da França e da Inglaterra. Agora havia um outro inimigo bárbaro, e que só podia estar aliado a este, que era a Rússia dos *soviets*. Desta forma o militante socialista organiza uma Liga de Operários e Soldados, cuja propaganda aparece no *Eco Americano*, e que parece ligar-se a uma tentativa de apoiar o Brasil na guerra. A Liga pode muito bem ligar-se a idéia do *soviet*, mas não o de outubro, mas o surgido em fevereiro e que apoiou o governo dos socialistas moderados que mantiveram a Rússia no conflito.

Desta forma, Cavaco se transformará em um ardoroso anticomunista, o que pode ser visto já em 1919 na greve dos frigoríficos de Santana do Livramento, em que critica duramente o maximalismo em um discurso aos operários, falando que estes poderiam vencer sem trazer a “máscara sangrenta do militarismo prussiano” que era encarnada por Lênin (SCHIMIDT,2004:376). A idéia de revolução, entretanto, ainda se mantinha viva como pode se depreender de obras poéticas como *Rosas de Sangue*, de 1920, em que se idealizam as barricadas e as explosões revolucionárias (CAVACO,1920). Estas, apesar da aparência, nada tinham a ver com a Rússia dos *soviets*. A revolução russa de Cavaco havia sido outra.

### **Zenon de Almeida: esperando da Rússia a luz da razão.**

Zenon de Almeida era um anarquista filho de imigrantes poloneses, na verdade seu sobrenome real era Budaszewsky. Conforme explica seu filho Marat Budaszewsky, Zenon na infância “recebeu educação primária completa, com aprimoramento artístico musical; tocava e cantava por música; executava peças clássicas e líricas, acompanhando-se ao bandolim e mais tarde o violão” (MARÇAL,1995:33). Além do mais falava alemão, iídiche, francês, inglês, italiano e turco. Algumas aprendidas em casa, outras quando se empregou em um navio holandês, trabalhando na Europa de 1907 a 1911. Nesta viagem em que percorreu toda a costa do Velho Continente que se tornou anarquista.

Em sua militância destacou-se uma preocupação com a elevação cultural da classe operária, acreditando que o teatro era uma ótima forma de doutrinação política para os libertários. Tornou-se ao longo de sua militância um teatrólogo, um orador de massas, um jornalista, combatendo o papel de instituições como a igreja católica que impediam o progresso de uma cultura laica e racional.

Quando estourou a revolução russa Zenon de Almeida estava em Porto Alegre. Participou ativamente da greve de agosto de 1917, participando da Liga de Defesa Popular. Com outros anarquistas foi atuar na União Operária Internacional (UOI) e escreveu no jornal que a associação publicava, chamado *A Luta*. Neste jornal, sob pseudônimo de *Spartacus do Sul*, ele publica os primeiros textos se referindo à revolução russa. Em um artigo de 1º de maio de 1918 comenta que na Rússia as sementes lançadas por Koprotkyn, Gogol, Bakunin, Turgueniev, Dostoyevsky e Gorky haviam aberto sulcos e lançados sementes de luz, que naquele momento exposta “ao calor da guerra e à humidade[sic] do sangue, brotou num infinito de sóes radiozos[sic], que ofuscaram os olhos dos vampiros do mundo” provocando a ira destes, que seriam as forças conservadoras, acostumados às trevas, “Mas ai! destes morcegos que querem apagar o sol da nascente liberdade, perderão as asas e morreram nas chamas” (A Luta,1918:2).

É interessante observar esta relação da Rússia revolucionária com uma série de imagens que evocam o fogo e a luz, ao contrário dos seus inimigos que são os morcegos, que se mantêm nas trevas. Existe uma simbologia revolucionária, que remonta a revolução francesa, que relaciona as trevas à ignorância e ao antigo regime, enquanto a revolução é o triunfo da razão que liberta (BATALHA:1990). Para Zenon, de uma longa militância cultural

e crítico feroz do “obscurantismo” representado pela igreja, por exemplo, esta imagem viria bem a calhar.

Em 1918 Zenon vai para a zona sul do estado, ajudando a fundar a União Geral dos Trabalhadores de Rio Grande. Funda nesta cidade também o jornal *O Nosso Verbo* em 1919, onde faz de novo referência à revolução como um caminho de possibilidade de esclarecimento e elevação da consciência, quando responde a “*um padre canalha*” a pergunta “*O que é o maximalismo?*” (Nosso Verbo, 1919:2) e ao fazê-lo, replica as acusações do padre contra o socialismo com imprecações contra a igreja, concluindo que sob o maximalismo não haveria a miséria e ignorância que a burguesia e a igreja ajudam a fomentar. Esta imagem da revolução como destruidora da religião Zenon manterá em 1920, no jornal anticlerical *A Folha do Povo* de Santa Maria, em que enumera o líder do estado russo como o ápice do pensamento laico.

*Goethe, Spence, Comte, Tolstoi, Kropotkine, Marx, Haeckel, Bichner e Lebon irradiaram uma infinidade de centelhas, discípulos que espalharam a luz pelo mundo.*

*Surge agora no cenário mundial este gênio maior que Voltaire e maior que Napoleão:*

*Lênine.*

*Ele desferirá o golpe mortal no coração de Roma (Folha do Povo, 1920:2).*

Zenon de Almeida teve participação importante nas greves de 1917 e 1919. Além do mais, sua atuação na zona sul do estado pode estar ligada, conforme Beatriz Loner, ao surgimento do Núcleo Comunista de Pelotas em 1919 e da União Comunista de Rio Grande em 1920 (LONER, 377:2001). Nesta década que se iniciava ele teve que, por pressão da polícia, imigrar para o Estado do Rio onde por influência de Astrogildo Pereira adere ao PCB (MARÇAL, 1995:39). O interesse despertado pela Rússia por Zenon durante as grandes greves não teve apenas motivos culturais ou anti-religiosos, mas com certeza a sua história de militância racionalista e os esforços pela elevação cultural dos operários mostraram a ele as possibilidades de que a revolução não libertasse apenas da exploração do capital, mas que promovesse uma libertação das mentes, estimulando a consciência crítica nos trabalhadores.

## **Conclusão.**

A revolução russa foi muito significativa para os operários organizados, principalmente para as organizações sindicais mais radicais, como as anarquistas. Estava em jogo neste caso a identidade operária, entretanto esta identificação, que a revolução evocava quase que naturalmente, foi mediada também por outras, conforme as trajetórias individuais de cada operário. Para Abílio de Nequete, adicionava-se à militância uma simpatia nacional para a Rússia e uma esperança religiosa que o mobilizava; para Carlos Cavaco, tribuno popular identificado com um socialismo da II Internacional, a revolução a ser tomada de exemplo era a democrática e para Zenon de Almeida, libertário promotor de atividades culturais, a revolução era também a vitória da razão e da cultura laica. Isto não invalida a mobilização calcada na perspectiva de classe que a revolução despertou, mas creio que mostra a importância de estudar o processo de conscientização dos trabalhadores, que é complexo e multifacetado, tanto quanto são os sujeitos que formam a classe operária.

**Fontes:****Processo Crime.**

Inquérito Militar 1432 e seus anexos:

*Grupo de Operários e Soldados Brasileiros. Ao povo rio-grandense-* Panfleto, 1917.

**Jornais e Periódicos.**

*A Luta*, Porto Alegre 1918.

*Folha do Povo*, Santa Maria 1920.

*O Echo Americano*, Porto Alegre 1918.

*O Nosso Verbo*, Rio Grande 1919.

**Bibliografia:**

BATALHA, Claudio Henrique de Moraes. Vida associativa : por uma nova abordagem da história institucional nos estudos do movimento operário. *Anos 90*, Porto Alegre: PPG em História da UFRGS, n. 8, dez. 1997.

CAVACO, Carlos. *Rosas de Sangue*. Lisboa: Imprensa de Manoel Lucas Torres, 1920.

LONER, Beatriz Ana. *Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)*. Pelotas: UFPel, 2001.



MARÇAL, João Batista. *Os anarquistas no Rio Grande do Sul: anotações biográficas, textos e fotos de velhos militantes da classe operária gaúcha*. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1995.

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. *"Que a união operária seja nossa pátria" : história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001.

ROSITO, Renata Irene Haas- *O pensamento político de Abílio de Nequete*. Porto Alegre: PUCRS 1972.( Trabalho para a disciplina de política, do Curso de Bacharelado em Ciências Sociais ).

SCHMIDT, Benito Bisso. *Em busca da terra da promessa: a história de dois líderes socialistas*. Porto Alegre: Palmarinca, 2004.